

Um e mil

Naira Ciotti, professor-performer
DEARTE/UFRN

Palavras-chave: performance arte, metodologia, *work in progress*, paralaxe

Introdução

As transformações da cena e a conseqüente evolução do método de investigação, a partir de uma leitura de Lehmann, Greiner e Renato Cohen nos levam a propor novas perspectivas apontadas pela idéia de emergência de Johnson e da situação atual com a ajuda da produção de filósofo Slavoj Zizek.

Pós Lehmann

A partir dos anos 70, ocorre uma profunda ruptura no modo de pensar e fazer teatro: a valorização da autonomia da cena e a recusa a qualquer tipo de "textocentrismo". Subvertem-se de modo radical as heranças formais dominantes, a operação épica empreendida por Brecht fez o conceito de drama sofrer uma expansão. Não se trata mais do drama burguês, baseado no diálogo intersubjetivo e na forma de um presente absoluto e contínuo. O abandono de qualquer intenção mimética é o projeto do teatro contemporâneo: rompimento com as grandes narrações, figurações e cosmovisões.

Os modelos para a nova cena do fim do século XX são baseados no projeto não-mimético de Artaud. A cena do século XXI é pós-dramática, pós-brechtiana, na medida em que tenta levar adiante um projeto de desapassivamento do público, de ativação perceptiva com base na exposição do teatro em sua realidade, vitalização dinâmica do olhar criando seus próprios processos sensoriais ao trabalhar a incerteza cognitiva conjugada à responsabilidade ética, levando o espectador a se co-responsabilizar pela produção da imagem.

Corpo

Antes da modernidade, a realidade física do corpo permaneceu geralmente incidental no teatro. Apesar de disciplinado, treinado, moldado, o corpo não era nem um

problema nem um tema autônomo do teatro dramático, no qual permaneceu como uma espécie de subentendido. Podemos dizer que o processo dramático se dava entre os corpos, mas o processo pós-dramático acontece no corpo. Isso interdita toda representação ou interpretação placidamente apoiada no corpo como mero intermediário. Aparece uma nova tarefa para os pesquisadores da cena, reaprender a lidar com o corpo a partir de outras teorias.

No século XXI, o corpo se torna portador de significados por excelência na cena contemporânea, que faz do próprio corpo e do processo de sua observação um objeto estético teatral.

Ao explicar a disciplinarização do corpo em escolas, hospitais, fábricas, como políticas de adestramento do corpo, Foucault revela o discurso do corpo como uma prática de regulação da população, da espécie e das performances do corpo.

No final da década de 80, a ação corporificada passa a ser chamado de enação, o observador encarnado, cuja cognição será composta pelo conjunto de um mundo e uma mente a partir das diversas ações que caracterizam um ser. Encarnado ou encorpado, buscando uma aproximação entre ciências cognitivas, neurociência e filosofia vão compreender no gesto da experiência humana as possibilidades que vivenciadas.

Segundo Greiner, após os anos 90 o corpo não pode ser entendido como um produto pronto, ele muda de estado no momento mesmo em que ocorrer uma ação, a autora defende que o tipo de performance de um corpo depende sempre da relação com o ambiente e na forma como a sua memória se manifesta. O corpo humano é, portanto um sistema complexo há uma co-dependência entre perceber uma forma representacional e a concepção de uma situação. Tanto na ciência como na arte contemporânea testar a gênese do movimento em performance.

O método *Work in progress*

No século atual, quais seriam os métodos de investigação de expressões híbridas como performances, manifestos, intervenções? Talvez possamos procurar respostas nos Mil Platôs, de Deleuze e Guattari, como afirma Bia Medeiros:

[...] o conceito de “rizoma” nos levaria a uma compreensão mais dinâmica do mundo: um lugar de trocas, seres vivos em transformação, algo que acontece no tempo: “Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, intermezzo” (MEDEIROS: 2005).

O método para Deleuze será por excelência rizomático, produz séries, multiplicidades, ou seja, como na cena contemporânea e na relação arte e ciência ocorre à subtração do sentido da unidade:

Princípio da conexão e heterogeneidade, em que cadeias semióticas instauram lógicas e não as seguem. Nesse lugar de experimentação que é o meio ou o estado nômade da ciência é que vamos buscar uma primeira idéia de metodologia. A metodologia sem método, rizomática.

A característica ontológica do *work in progress*: processualidade pelo uso da trama de leitmotifs, rastros de passagem, vicissitude e a especificidade dessa operação criativa, hibridização e sobreposição de conteúdos; faz com que seu recorte aponte a observação desde manifestações transitórias, cenas não configuradas, laboratórios, situações cotidianas, cenas da vida, cenas das mídias, ou seja, contextos ulteriores ao contexto artístico.

A partir de Renato Cohen e seus comentadores, inúmeros, as redes de leitmotiv comportam-se como a superposição de estruturas, um procedimento de hibridização de conteúdos em que o processo, o risco à permeação e o entremeio obra-criador na possibilidade de incorporação de conteúdos (embodiment) e acontecimentos (happenings), são as ontologias da linguagem.

A performance na contemporaneidade poderia ser definida como uma emergência artística, a partir da definição de Steven Johnson (Johnson: 2001) no seu renomado livro sobre o assunto, de que os comportamentos emergentes se manifestam sempre em rede. Uma rede oscila entre ser uma criatura única e uma multidão, por ser um sistema “botton up” e não “top down”, como diz o autor. A pesquisa em linguagem artística que a performance na contemporaneidade propõe é capaz de resolver problemas complexos com o auxílio de massas de elementos relativamente simples. Vários trabalhos de performance podem ser considerados como complexos sistemas adaptativos que mostram comportamento emergente, pois eles têm simultaneamente micro-comportamento individual, ou seja, o performer individualizado, o super-sujeito expresso em nomes históricos como Ana Mendieta, Marina Abramovic, Joseph Beuys e o comportamento global, expresso pelos mesmos coletivos de criação como no caso de Fluxus, Gutai, entre outros.

No final da década de 2000 surge um novo comportamento metodológico em relação à performance. Os papéis estão invertidos, segundo Zizek aquilo que entendíamos como sujeito passa a ser a atividade de sujeitar-se ao inevitável e cabe aos objetos, objetarem, perturbarem o funcionamento tranquilo das coisas: “O sujeito é definido pela passividade

fundamental e é do objeto que vem o movimento- é ele que incomoda. mas, novamente, que objeto é esse? A resposta é: o objeto paralático.” (ZIZEK: 2008)

Então chegamos a uma espécie de conclusão: o deslocamento aparente do objeto causado pela mudança do ponto de observação é que permitirá uma nova linha de visão. Uma mudança epistemológica como a que acompanhamos neste texto será possivelmente acompanhada de uma mudança metodológica, será a metodologia da paralaxe?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COHEN, Renato **Performance como linguagem**. São Paulo: Perspectiva, EDUSP, (1984), 1989.

COHEN, Renato **Work in Progress na Cena Contemporânea**. São Paulo: Perspectiva, EDUSP, 1998.

COHEN, Renato. “A Cena Transversa: Confluências entre o teatro e a Performance”. Revista USP, jul. 1992, pp. 80-84.

CORBIN, Alain, COURTINE, Jean-Jacques & VIGARELLO, Georges **História do Corpo vols. 1,2 e 3**. São Paulo: Ed. Vozes, (2005) 2008.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix **Mil Platôs**. Rio de Janeiro: Ed. 34, (1980), 1995.

GALIZIA, Luiz Roberto **Os processos criativos de Robert Wilson**. São Paulo, Editora Perspectiva, (1986) 2005.

GLUSBERG, Jorge **A Arte da Performance**. São Paulo: Perspectiva, EDUSP, 1987.

GOLDBERG, RoseLee **Performance Art: from futurism to the present**. New York: Thames and Hudson, (1979), 1995.

GREINER, Christine. **O corpo - pistas para estudos indisciplinados**. São Paulo, Editora Anablume, 2005.

GREINER, Christine AMORIN, Cláudia (org.) **Leituras da morte**. São Paulo: Anablume, 2007.

JOHNSON, Steven **Emergência: a dinâmica da rede em formigas, cérebros, cidades e softwares**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., (2001) 2003.

LEHMANN, Hans Thies **Teatro pós-dramático**. São Paulo: Cosac Naify, (1999) 2007.

MEDEIROS, Maria Beatriz de (org.) **Arte e Tecnologia: na cultura contemporânea**. Brasília: Dupligráfica Ed., 2002.

SALLES, Celília Almeida **Redes de criação: construção da obra de arte**. São Paulo: Ed.

Horizonte, 2006.

ZIZEK, Slavoj **A visão em paralaxe**. São Paulo: Boitempo, 2008 (2006).

WAAR, Tracey & JONES, Amelia **The artist's body**. London: Phaidon Press, 2000.